



## ***CORPO-PAISAGEM BIOGEOGRÁFICO: visualidade epistêmica fronteiriça***

## **BODY-BIOGEOGRAPHIC LANDSCAPE: frontier epistemic visuality**

## **PAISAJE CORPO-BIOGEOGRAFICO: visualidad epistémica de frontera**

**Marina Maura de Oliveira Noronha<sup>1</sup> & Edgar Cézar Nolasco<sup>2</sup>**

**Resumo:** Pensar em corpo, a partir de corpo epistêmico fronteiriço, justifica-se refletir acerca de uma epistemologia outra descolonial, diferente dos discursos hegemônicos/modernos, os quais geram cultura e conhecimentos de suas diferenças coloniais. Assim, a proposta basilar deste trabalho, o qual dá-se atravessado pela crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013), recai na importância de discutir o corpo-paisagem biogeográfico com suas práticas epistêmicas culturais, levando-se em conta, sobretudo, uma visada traçada pelo conceito de biogeografias (BESSA-OLIVEIRA, 2016), cujos saberes partem de um lócus geoistórico, no que se refere o lócus de onde penso e erijo meu discurso crítico latino. Para tanto, valho-me dos teóricos, tais como Walter Mignolo (2020), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2018) e outros que dialoguem com a epistemologia contemplada.

**Palavras-chave:** Corpo-paisagem; Biogeográfico; Corpo epistêmico fronteiriço.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Bolsista de doutorado – CAPES/FUNDECT. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-2324-7829>. E-mail: [marina.m.noronha@gmail.com](mailto:marina.m.noronha@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientador e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq.

**Abstract:** Thinking about the body, based on the borderline epistemic body, justifies reflecting on a different decolonial epistemology, different from the hegemonic/modern discourses, which generate culture and knowledge of their colonial differences. Thus, the basic proposal of this work, which is crossed by borderline biographical criticism (NOLASCO, 2013), lies in the importance of discussing the biogeographical body-landscape with its cultural epistemic practices, taking into account, above all, a view traced by the concept of biogeographies (BESSA-OLIVEIRA, 2016), whose knowledge stems from a geohistorical locus, in terms of the locus from which I think and build my Latin critical discourse. To do so, I make use of theorists, such as Walter Mignolo (2020), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2018) and others who dialogue with the contemplated epistemology.

**Keywords:** Body-landscape; Biogeographic; Frontier epistemic body.

**Resumen:** Pensar el cuerpo, a partir del cuerpo epistémico límite, justifica reflexionar sobre una epistemología decolonial diferente, distinta a los discursos hegemónicos/modernos, que generan cultura y conocimiento de sus diferencias coloniales. Así, la propuesta básica de este trabajo, atravesado por la crítica biográfica límite (NOLASCO, 2013), radica en la importancia de discutir el cuerpo-paisaje biogeográfico con sus prácticas epistémicas culturales, teniendo en cuenta, sobre todo, una mirada trazada por el concepto de biogeografías (BESSA-OLIVEIRA, 2016), cuyo saber parte de un locus geohistórico, en cuanto locus desde el cual pienso y construyo mi discurso crítico latino. Para ello, me sirvo de teóricos como Walter Mignolo (2020), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2018) y otros que dialogan con la epistemología contemplada.

**Palabras clave:** Cuerpo-paisaje; Cuerpo epistémico biogeográfico; de frontera.

## INTRODUÇÃO

Um corpo epistêmico se apresente na ordem do lócus da enunciação, e se meu corpo é a extensão, ou continuidade, do lugar onde meu *ser, sentir, viver* e *estar* estão ancorados no mundo (espaço), e somando-se a isso o fato de que a *teorização* é um sintoma de meu corpo, concluo que uma paisagem biográfica se projeta e se desenha no entorno desse lugar no qual meu corpo *habita* e a partir do qual ancolo meu discurso, minha *teorização* ao outro, ao mundo e a mim mesmo.

NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 66.

É nesta direção pensando a partir da fronteira como opção descolonial, que este discurso se devaneia em declínio ao corpo epistêmico fronteiriço, o *corpo-paisagem* por um olhar biogeográfico como forma de melhor pensarmos a composição das paisagens através do nosso lugar fronteiriço. Resvala-se, na ideia que a prática sobretudo, epistemológico o qual penso o *corpo-paisagem*, proponho uma leitura epistêmica outra do corpo. Trago reflexões atravessadas, pelo que me interessou desde o início, cunhado pela crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015) como condição para pensar corpos-paisagens biogeográficos re-pensados e deslindados por uma paisagem de ordem epistemológica, como pontua e defende a *teorização* fronteiriça<sup>3</sup>. Para esta articulação, evoco e projeto na cena discursivo-conceitual a partir do meu próprio corpo epistêmico fronteiriço de mulher, latina, pesquisadora, de cor e subalterna, por *excelência*. Além disso, alicerço-me pelas minhas sensibilidades biográfica/local e busco pensar produções *outras*, à luz do meu olhar fronteiriço, lugar esse de onde penso e re-existo da fronteira-Sul.

Nessa direção, para ilustrar as paisagens biogeográficas fronteiriças<sup>4</sup> (BESSA-OLIVEIRA, 2016) descoloniais, encontro lugar como contranarrativas<sup>4</sup> o meu corpo como minha condição geopolítica e sob a estrutura do meu corpo política (MIGNOLO) proponho uma visualidade outra não disciplinar. Tais desenlaces são relevantes, porque vislumbro retraçar minha travessia teórica contrapondo as produções estabelecidas de arte, corpo, cultura, política e conhecimento da perspectiva colonial/moderno, ainda que segue sendo o único e exclusivamente corpo/lugar pensante do saber. Com efeito, a corporalidade pensada a partir da teorização fronteiriça visando rasurar, assim, não a presença autoral de quem quer que seja, mas a predominância discursiva disciplinar e interdisciplinar<sup>5</sup>, compreendido por Nolasco. Isso se configura na medida em que estou visando os corpos sul-fronteiriços, com suas práticas subalternas, são considerados corpos *desiguais* pela distinção (im)posta entre razão e emoção, formuladas pela lógica moderna cartesiana *penso, logo existo*. Nesse sentido, o

<sup>3</sup> NOLASCO. Ensaio Biográfico, p. 67.

<sup>4</sup> BESSA-OLIVEIRA. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazeres, p. 105.

<sup>5</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 61.

que busco e insisto na verdade é saber de onde se pensa para poder re-existir às (ir)regularidades impostas às nossas vidas.

Portanto, fica evidente o que priorizo com o estudo está no fazer teorização a partir do corpo situando na/da fronteiriça-sul, isso significa desprender-se continuamente das teorias escritural, da Teoria ocidental e da Tradição<sup>6</sup> como definiu Nolasco. Pois, essa reflexão baseada na teorização fronteiriça entende-se que o corpo aqui está situado na diferença colonial (MIGNOLO, 2023) por via descolonial, cada corpo diferente e na sua diferença move-se e si-move de acordo com a sua condição social, cultural, política, econômica e física, mas si-movem-se!<sup>7</sup> Com suas sensibilidades biográficas, com seus espaços/corpos/paisagens/saberes específicos, cujas práticas epistêmicas partem do seu *biológico*.

Para fomentar a discussão, utilizo-me de estudos teóricos/críticos de Mignolo (2020), Edgar Nolasco (2013), Bessa-Oliveira (2018), Aníbal Quijano (2002) e outros que dialogam com a epistemologia tomada. Imbricada pela sensibilidade, confesso que meu corpo aqui está com meus saberes e fazeres epistêmico-fronteiriços e que se somam a esses teóricos mencionados, sendo pertinentes para minhas reflexões. Considerando a subjetividade ocidental/moderna, esta não fez outra coisa senão encobrir os corpos da exterioridade, os colocando para fora da história com suas experiências particulares, mas a verdade é que a modernidade só não previa que “[n]inguém pode tirar o corpo fora”.<sup>8</sup> Pois, “nem mesmo o gênero dá conta de encobrir o lugar do corpo”.<sup>9</sup> Tais reflexões corroboram através dos *corpos-paisagens* biogeográficos a ideia contrária de visualidade aos corpos estéticos colonial/moderno (per)seguidos por um espaço/passado (histórico) que acaba por levar tantas *outras* histórias com seus espaços/atuantes ao esquecimento.

<sup>6</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 63.

<sup>7</sup> BESSA-OLIVEIRA. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazeres, p. 136.

<sup>8</sup> FANON. *Os Condenados da Terra*, p. 163.

<sup>9</sup> BESSA-OLIVEIRA. O corpo das artes (cênicas) Latinas ainda é razão e emoção!, p. 106.

Pensando em práticas epistêmicas aqui atuantes, “logo sou um corpo que existe!”<sup>10</sup>, com minhas paisagens biogeográficas, vistas da fronteira-sul. A seguir, as paisagens fronteiriças esboçada aqui traduzem o que intitulei de *corpo-paisagem* biogeográfico para essa prática de teorização subjetiva com base em epistemologias *outras*; o contorno da paisagem por meio do meu fazer teorização, impõe a contrapelo e *esta-sendo* enquanto eu também estou-sendo<sup>11</sup> com meu *ser, saber, fazer e pensar* a teorização e a si. Meu lugar/corpo fronteiriço, minhas experiências particulares labirínticas.

Busquei a paisagem biogeográfica (OLIVEIRA, 2014) a começar do meu *bios*, ou seja, com meu corpo, alcançar o que já está em mim, que talvez para o *outro* possa ser estranho, confuso, irregular e até sem noção, mas é mais forte que eu e de qualquer certeza ou incerteza, por isto aqui est(á)ou –*corpos-paisagens biogeográficos* meu lócus geoistórico e biográfico ainda que pelo olhar ocidental/moderno pareça ser um corpo distorcidos, deformados, mudados, pela diferença colonial meu corpo da fronteira tem a consciência de que minha travessia é a extensão de meu *fazer teórico*<sup>12</sup> enquanto uma forma de viver por uma visualidade política e ética as vezes íntima, afetiva, emotiva, fragilizada e até desprotegida. Logo, foi exatamente essa consciência que me levou a reivindicar por um “lugar teórico refletido na paisagem o (im)previsto de mim a paisagem de dois lados (fronteira) de mundos sem espaço demarcatório o dentro/fora um lugar/espacô/corpo em diálogo com o dentro, assim como também está o mundo para o fora e vice-versa.

A fronteira, portanto, antes de dividir-se ou servir como barra que divide os lados direito/esquerdo; dentro/fora<sup>13</sup>, aqui estou pensando a partir de uma teorização que desprende das amarras de uma única epistemologia propondo saídas descolonizantes<sup>14</sup> como bem conclui Nolasco, um ato a partir do corpo

<sup>10</sup> BESSA-OLIVEIRA. O corpo das artes (cênicas) Latinas ainda é razão e emoção!, p. 107.

<sup>11</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 63.

<sup>12</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 63.

<sup>13</sup> BESSA-OLIVEIRA. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazeres, p. 125.

<sup>14</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 63.

entre o intelectual fronteiriço e seu corpo e a Natureza<sup>15</sup>. Seja este, o corpo aceito ou não como vem sendo pensado pelo projeto cartesiano, lugar esse que implica a exclusão do corpo, de acordo com minha prática pensada com o corpo biogeográfico fronteiriço *de-entre* barras e fronteira!<sup>16</sup> Nesse caso conduzidos por essa conceituação de biogeografias que permite rediscutir o corpo na atualidade, Bessa-Oliveira corrobora:

Estas reflexões descoloniais fronteiriças – como modo de tratar os *bio*=sujos, *geo*=lugares, *grafias*=narrativas, *biogeografias* artísticas em estados de fronteiras e entre-barris discursivas – quer evidenciar que ora as barras que tentam calar a arte de exterioridades são postas pela colonialidade moderna, ora são (im)postas pela colonialidade do poder na contemporaneidade, esta ancorada naquela, que insistem em (re)produzir modelos hegemônicos onde imperam as diferenças coloniais, que são exterioridades a qualquer modelo que formulou interioridades padrões, que já *aprenderam a desaprender a cada passo* a lição imposta pela (barra/fronteira da) modernidade e/ou pós-modernidade coloniais que ainda imperam<sup>17</sup>.

Cheguei aqui e *peguei o ar* da fronteira seca de Mato Grosso do Sul, e ao encostar o meu corpo na paisagem dessa fronteira, alcancei uma experiência *outra* hoje adquirida pela extensão de meu corpo, abarrotei meus pulmões de ar e deixei o sol que anunciaava a terra seca da fronteira-sul com seu lugar privilegiado alcançá os “quatro cantos” das paisagens, sob seu reflexo uma cor que borra os espaços da fronteira anuncia-se com os corpos-paisagens uma verdadeira colcha de retalho de novidades com espaços/lugares/pessoas/cores e texturas *outras* em que os corpos *si-movem-se*<sup>18</sup> (BESSA-OLIVEIRA, 2018). Com os corpos caminhantes da fronteira com seus saberes e suas sensibilidades biográficas, nesta direção meu corpo me assume, o ar que respiro é daqui e “repito [é] [...] como se eu estivesse descobrindo o que eu já sabia agora: eu habito a fronteira e a fronteira habita em mim. E, na rachadura desse talhão biográfico, eu construo um modo de

100

<sup>15</sup> NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 63.

<sup>16</sup> BESSA-OLIVEIRA. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazer, p. 130.

<sup>17</sup> BESSA-OLIVEIRA. Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazer, p. 105.

<sup>18</sup> O conceito *si-movem-se* pensado por Bessa-Oliveira: tanto o corpo *si-move* para onde e como quer, quanto move-se por conta do seu contexto sociocultural e político. O corpo é entendido como um gerador constante de troca/transmissão de conhecimentos. (o *si* como voltado para o *si* mesmo nessa relação de troca/transmissão)

pensar a partir da exterioridade”.<sup>19</sup> Assim, meu corpo, minha condição propuseram nestas paisagens pensar a partir do lugar de onde penso e sinto. Sem delimitar espaços/lugares/corpos/saberes outros, são experivivências conceito pensado por (BESSA-OLIVEIRA, 2018) que (com)põem a paisagem biogeográfica no cenário fronteiriço, para os mundos de dentro/fora e vice-versa, em que não define ambos os lados, mas que na verdade se misturam entre si como *corpos-paisagens* através de cores, texturas, cheiros, afetos, alegria, tristeza, saudade, aproximação, corpos em corpos, amor, desigualdade, vida/morte, distanciamentos, velho/novo, medos, e *feridas abertas* (ANZALDÚA) que ainda sagram dos corpos que transitam na/da fronteira.

As paisagens aqui apresentadas são tomadas como alternativa às formulações críticas, não postas como paisagens<sup>20</sup> tradicionais sempre previstas, em se tratando de leituras práticas artísticas ocidental/moderna *estabilizadoras*. Desta forma, sinto, na verdade, que não estou enganada em pensar de outra forma:<sup>21</sup>é a minha condição pensar de onde existo com minhas produções e como proposto por mim os *corpos-paisagens* presentes nesta teorização fronteiriça assentada na crítica biográfica fronteiriça só foram possíveis de serem articuladas com esse retorno biográfico por extensão a mim. Assim os *corpos-paisagens* estão atravessados no delongar desse trabalho pelas reflexões entre mundos dentro/fora, com os espaços/lugares/corpos epistêmicos outros.

101

Nesta direção, a articulação com o discurso epistêmico por fora do pensamento moderno o *corpo-paisagem* com o conceito biogeográfico, é um conceito trazido pelo teórico Bessa-Oliveira no texto desCOLONIZAR BIOGEOGRÁFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA “o sujeito, nesse sentido, tendo em mente “sua identidade cultural multíplice e o seu próprio lócus *geoespacial*, (histórico cultural local ou geográfico de enunciação)”<sup>22</sup> constitui o que o autor chama de “sujeito biogeográfico”<sup>23</sup> e o teórico reitera que os “espaços com essa

<sup>19</sup> NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteiriza*, p. 13.

<sup>20</sup> BESSA-OLIVEIRA. “Paisagens biográficas descoloniais”, p. 253.

<sup>21</sup> BESSA-OLIVEIRA. “Paisagens biográficas descoloniais”, p. 258.

<sup>22</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZARBIOGEOGRAFIAS”, p. 323.

<sup>23</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZARBIOGEOGRAFIAS”, p. 323.

natureza biográfica que se inscrevem, por conseguinte, sensações, emoções e experimentos artísticos que os conceitos modernos já não sustentariam” como “a ideia de corpos (se)parados”.<sup>24</sup> Por isso, sem me prender em um único espaço/lugar e corpo está(é)tico disciplinar colonial/moderno, os *corpos-paisagens* nessa reflexão transitam nos espaços culturais, sociais, políticos da história e nas produções de conhecimentos uma prática epistêmica pensada como paisagens fronteiriças com base numa epistemologia fronteiriça, como um “lugar do movimentar-se entre, para além e aquém desse lugar supostamente delimitador edificado pelos discursos dos poderes (da arte e político) que estabelecem os fins e começos de corpos e espaços”.<sup>25</sup>

## 2. DA JANELA, vejo corpo-paisagem *biogeográfico*

Pela janela  
Vejo fumaça  
Vejo pessoas.

IRA, CLANDESTINO, Tarde vazia, s/p.

Meu corpo é a extensão, ou continuidade, do lugar onde meu *ser, sentir, viver* e *estar* estão ancorados no mundo (espaço), e somando-se a isso o fato de que a *teorização* é um sintoma de meu corpo, concluo que uma paisagem biográfica se projeta e se desenha no entorno desse lugar no qual meu corpo *habita*.

NOLASCO. Ensaio biográfico, p. 66.

Nesse viés, reitero que as reflexões neste ensaio partem de saberes *outros* como vim sinalizando a partir de espaços/corpos/lugares diferentes do instituído e excludente defendidos pela razão colonial/moderna. Neste sentido, alicerçada em *corpos-paisagens* biogeográficos busquei de dentro o mundo do fora da fronteira ainda que pela fresta da janela descortino com meu olhar e aos quatros “cantos do mundo” entre notícias diversas.

Para o bem ou para o mal de algum modo, as informações nos alcançam [...] – momento COVID – 19 os corpos se “encobrem” de corpos/máscaras,

102

<sup>24</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS, p. 324.

<sup>25</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS”, p. 324.

fragilizados se protegem de outros corpos e em situação de imobilidade e com o intuito de “salvar vidas”. A ideia é que permaneçamos em casa. Mesmo assim, o mundo não para. Neste instante, nada me impede de ser, fazer, saber, sentir, ouvir, falar e olhar o mundo daqui, do meu lugar – Mato Grosso do Sul -, de onde penso e erijo minhas reflexões sul-fronteiriças,<sup>26</sup> um “lugar com uma geografia fronteriza por natureza”.<sup>27</sup> Alinho-me com o que propõe Bessa-Oliveira, quando afirma:

Mato Grosso do Sul, vou privilegiar a discussão e reflexão a partir desse lócus geográfico de enunciação, está para o pacífico, a borda contrária e as paisagens biográficas descoloniais periféricas, assim como o Sudeste, quase em peso está para a margem oposta do Atlântico e o Norte das Américas. Entretanto, a crítica sul-mato-grossense, [...] neste momento [covid-19], de extrema importância para a reflexão que estou propondo. [...] porque minhas ideias de reformularmos todo o processo de pensar as dicotomias não passam pela ideia de defesa de uma *ideologia ultrapassada* [que precariza vidas], de um lócus de *enunciação geográfico* como único produtor de conhecimento e da produção artístico-cultural para o “resto do mundo”.<sup>28</sup>

No âmbito de onde se pensa e, no meu caso, à luz da fronteira-sul, o *corpo-paisagem* aqui em questão não passa por formulações que “[...] aceitam as identidades biográficas como estáticas e inalteráveis” e muito menos de práticas epistêmicas “[...] artísticas que retratassem paisagens naturais exóticas a condição subalterna de sujeitos latinos, por exemplo, índios, negros e pobres etc”.<sup>29</sup> Dessa forma, no atravessamento dessas reflexões críticas, penso apoiada de uma epistemologia da fronteira-sul, abro um parêntese com o *corpo-paisagem* biogeográfico como proposta a “[...] opção para descolonizar o ser, o fazer e o saber sobre”<sup>30</sup> aos projetos *hierárquicos* de conhecimento universal ocidental/moderno. De acordo com o teórico Bessa-Oliveira,

---

<sup>26</sup> Mas compreende-se a importância em destaque que a fronteira da qual falo não é apenas física, mas também epistemológica e política.

<sup>27</sup> BESSA-OLIVEIRA. “Paisagens biográficas descoloniais”, p. 261.

<sup>28</sup> BESSA-OLIVEIRA. “Paisagens biográficas descoloniais”, p. 261.

<sup>29</sup> BESSA-OLIVEIRA. “Paisagens biográficas descoloniais”, p. 252.

<sup>30</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS, p. 325.

O “Ser” latino já evidencia desde o seu bojo de criação uma ideia de exclusão construída pelos discursos hierárquicos. [...] pela passagem de Walter Mignolo somos cultura; não contamos grandes narrativas; não produzimos conhecimentos. Mas, pensados a partir de uma noção *outra* de estética, somos culturas não inconscientes de outras; ser latino é propor lugares geográficos outros como pontos de partida para articulações de reflexões críticas ou artísticas como produções de conhecimento. Portanto, a latinidade, extra-discursos hegemônicos, tem características livres de estéticas elitistas, hegemônicas ou binárias que nos forçam indagarem sobre outras possibilidades estéticas cotidianamente.<sup>31</sup>

Da minha janela, posso ver *o futuro repetir o passado* nos mais diversos espaços/lugares da desigualdade e pensando na situação atual do mundo e no caso, do Brasil/2020 “falo daqueles que, no momento em que escrevo, estão cavando com suas mãos”<sup>32</sup> a própria “cova” para que seus/nossos corpos não fiquem à *deriva* na terra, assim desprotegidos pelas políticas públicas, já era um “sinal de que sentimos cadáveres”,<sup>33</sup> estamos em situações de desamparo e fragilizados – momento COVID – 19 e tempo de *(des)política* (BESSA-OLIVEIRA, 2020) ato que precarizam vidas. Nesse sentido, o intelectual Santiago no texto “Nó, nós” corrobora a ideia que “no momento, o cotidiano da vida vivida sob Bolsonaro<sup>34</sup> azucrina mais a vida da gente que o passado. “Quanto ao futuro da nação”, o “[p]aís do futuro”, o autor conclui que não nos enganemos, pois “o Brasil é o país do pretérito imperfeito”.<sup>35</sup> Sendo assim, [v]oltamos a viver na nação em que sempre vivemos?”.<sup>36</sup> Vejo a desigualdade por toda parte, “corpos/mascarados” na saúde, na política, na economia, na cultura, na arte, na literatura, na religião, nas relações sociais, nos espaços dos saberes e outros tantos lugares.

<sup>31</sup> BESSA-OLIVEIRA. “desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS, p. 325.

<sup>32</sup> CÉSARIE. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 32.

<sup>33</sup> CÉSARIE. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 39.

<sup>34</sup> Governo atual do Brasil – Presidente Jair Messias Bolsonaro, assume o cargo, 2019.

<sup>35</sup> SANTIAGO, Nô, nós, p. 171.

<sup>36</sup> SANTIAGO, Nô, nós, p. 173.

Vivemos “[...] a-política, mas partidária, que reina”<sup>37</sup> distinta da ideia de *em* políticas que estou pensando aqui, a consciência de saberes outros que se encontra nas práticas epistêmicas dos sujeitos além das produções prezando pelas vidas.

## REFERÊNCIAS

- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Biogeografias artísticas como exterioridade dos fazeres – corpos latinos fronteiriços*. Cadernos de Estudos Culturais, Campo Grande, Ms, v. 1, p. 101-140, jul./dez.2018.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Différences Coloniales – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes*. 2019a. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver! In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, Campo Grande, MS, v. 2, p. 83-109, jul./dez. 2019.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Livros & Livros, 2017.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- IRA, CLANDESTINO. In: Tarde Vazia. WEA. Rio de Janeiro, 1990.
- NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013. 170 p.
- NOLASCO, Edgar Cézar. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Ensaio biográfico, v. 1, n. 23, 2020, p. 59-74.

105

Artigo Recebido em: 17 de agosto 2021.

Artigo Aprovado em: 05 de setembro de 2022.

---

<sup>37</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Différences Coloniales – Fronteiras Culturais*, p. 120.

